O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VI | Volume 20 | Nº 58 | Boa Vista | 2024

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.14193823

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

DO IMAGINÁRIO/REAL AO REAL/IMAGINÁRIO: UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DIALÓGICA ENTRE BACHELARD, MAFFESOLI E ALTHUSSER

João Enzio Gomes[1]

Tânia Maria Rechia Schroeder[2]

Camilla Casotti Poisk[3]

Eliane dos Santos Macedo Oliveira[4]

Mayara dos Santos[5]

Resumo

O estudo propõe uma análise comparativa das concepções de imaginário nas obras de Gaston Bachelard (1884-1962), Michel Maffesoli (1944-) e Louis Althusser (1918-1990). Metodologicamente, adota-se uma abordagem fenomenológica com base na análise bibliográfica de textos primários e secundários. O levantamento de dados inclui obras centrais dos três autores, enquanto a análise de dados segue a fenomenologia husserliana, buscando desvendar a relação entre imaginário e realidade em cada pensador. Os resultados revelam convergências entre os autores quanto ao papel estruturante do imaginário na vida social, científica e ideológica. No entanto, destacam-se divergências na forma como cada um entende o imaginário – Bachelard vê como criativo, Maffesoli como base para coesão social e Althusser como um instrumento de dominação ideológica. Conclui-se que o imaginário é multifacetado, podendo ser uma força de criação ou de controle social.

Palavras-chave: Althusser; Bachelard; Fenomenologia; Imaginário; Maffesoli.

Abstract

The study presents a comparative analysis of the conceptions of the imaginary in the works of Gaston Bachelard (1884-1962), Michel Maffesoli (1944-), and Louis Althusser (1918-1990). Methodologically, a phenomenological approach is adopted based on a bibliographical analysis of primary and secondary texts. Data collection includes central works of the three authors, while data analysis follows Husserlian phenomenology, aiming to uncover the relationship between the imaginary and reality in each thinker. The results reveal convergences among the authors regarding the structuring role of the imaginary in social, scientific, and ideological life. However, divergences emerge in how each understands the imaginary—Bachelard views it as creative, Maffesoli as a basis for social cohesion, and Althusser as a tool for ideological domination. The study concludes that the imaginary is multifaceted, acting as a force for creation or social control.

Keywords: Althusser; Bachelard; Imaginary; Maffesoli; Phenomenology.

[1] Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: enziogomes@gmail.com

[2] Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutora em Educação. E-mail: tania.rechia@hotmail.com

[3] Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: camillacasottipoisk@gmail.com

[4] Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: esmacedo879@gmail.com

[5] Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: mayara.santos@educacao.cascavel.pr.gov.br

INTRODUÇÃO

O imaginário é uma construção do ser humano, profundamente enraizada nas diversas culturas e sociedades ao longo da história. Sua relevância vai além do âmbito das ideias ou fantasias individuais, constituindo-se como um elemento essencial na forma como os indivíduos e as coletividades interpretam e dão sentido à realidade. Desde os mitos antigos até as narrativas modernas, o imaginário permeia a maneira como enxergamos o mundo, influenciando nossa percepção do real e moldando estruturas simbólicas e sociais. Contudo, o conceito de imaginário é dinâmico e tem sido interpretado de formas distintas ao longo do tempo, variando de acordo com o campo do conhecimento e o contexto histórico em que é analisado.

Neste estudo, propomos uma investigação sobre as interações e transformações entre o imaginário e o real nas obras de três pensadores do século XX: Gaston Bachelard (1884-1962), Michel Maffesoli (1944-) e Louis Althusser (1918-1990)**.** Cada um desses autores oferece uma abordagem singular sobre o imaginário, situando-o em diferentes esferas do conhecimento: Bachelard explora uma perspectiva epistemológica, na qual o imaginário está profundamente ligado à criação científica e poética; Maffesoli aborda o imaginário no âmbito social, destacando seu papel na formação das identidades e na organização das tribos contemporâneas; enquanto Althusser analisa o imaginário sob uma ótica ideológica, investigando sua função na manutenção e reprodução das estruturas de poder e dominação.

A relevância deste estudo se justifica pela crescente centralidade do imaginário na compreensão das dinâmicas sociais contemporâneas, especialmente em tempos de profundas transformações culturais e políticas. Nas sociedades pós-modernas, onde as fronteiras entre o real e o imaginário estão cada vez mais fluidas, compreender como essas dimensões interagem é essencial para refletir criticamente sobre as transformações que moldam a experiência humana. O imaginário não é apenas uma projeção subjetiva, mas também um campo de poder, que estrutura a realidade e influencia a construção de saberes, sejam eles científicos, filosóficos ou ideológicos.

Portanto, o objetivo deste trabalho é examinar as complexas interações entre o imaginário e o real nas obras de Bachelard, Maffesoli e Althusser, investigando de que maneira suas concepções do imaginário influenciam nossa compreensão da realidade e contribuem para a estruturação das formas sociais e ideológicas. A análise comparativa aqui proposta tem como foco identificar as convergências e divergências entre esses autores, buscando compreender como cada um articula o imaginário na formação e percepção do mundo real. Nesse sentido, o estudo não apenas descreve essas visões, mas também propõe uma reflexão sobre suas implicações para o entendimento do real.

O marco conceitual deste estudo se apoia nas principais obras desses três pensadores. Em Bachelard, o conceito de imaginário material é particularmente relevante para compreender como a imaginação poética se entrelaça com o conhecimento científico. Ele sugere que a imaginação não é oposta à racionalidade, mas sim uma fonte de conhecimento que transforma nossa percepção do mundo físico. Maffesoli, por outro lado, introduz o conceito de imaginário coletivo, enfatizando que, nas sociedades contemporâneas, o imaginário é uma força poderosa que estrutura a vida social, especialmente em tempos de pós-modernidade, onde as grandes narrativas dão lugar a microgrupos e tribos urbanas. Por fim, Althusser propõe uma visão crítica do imaginário, vinculado à ideologia. Para ele, o imaginário não é neutro, mas funciona como um mecanismo de reprodução das relações de poder, mascarando as estruturas reais que sustentam a dominação de classe.

Do ponto de vista metodológico, este estudo adota uma abordagem qualitativa baseada no método fenomenológico, que busca descrever e interpretar as concepções de imaginário nas obras de Bachelard, Maffesoli e Althusser. A pesquisa é essencialmente bibliográfica, com foco em uma análise comparativa das obras desses autores, complementada por uma revisão de literatura que dialoga com os conceitos discutidos.

O objetivo é não apenas traçar um panorama das concepções de imaginário, mas também examinar como essas visões influenciam a forma como a realidade é percebida e estruturada nas sociedades contemporâneas. Ao adotar uma abordagem fenomenológica, buscamos compreender os aspectos essenciais dessas teorias, suspendendo juízos prévios para permitir uma análise mais direta dos conceitos discutidos nas obras.

A estrutura do texto é organizada em quatro seções. Na primeira seção, intitulada Referencial Teórico, apresentamos uma análise das concepções de imaginário nas obras dos três autores, com base em suas publicações clássicas. A segunda seção, Metodologia, descreve o percurso metodológico adotado para a coleta e análise dos dados, explicando as escolhas metodológicas e os procedimentos de análise comparativa. Na terceira seção, Resultados e Discussão, apresentamos os principais achados da pesquisa, destacando as convergências e divergências nas abordagens dos autores sobre o imaginário e sua relação com a realidade. Por fim, na seção Considerações Finais, sintetizamos os resultados do estudo, discutimos suas implicações teóricas e práticas, e sugerimos possíveis desdobramentos para futuras pesquisas, destacando a relevância contínua do conceito de imaginário no entendimento das dinâmicas sociais e ideológicas atuais.

Ao longo deste estudo, optamos por retomar determinados conceitos e discussões em seções diferentes, uma escolha metodológica deliberada. Essa estratégia visa garantir a coerência e continuidade da argumentação, permitindo que o leitor revisite pontos fundamentais à medida que novas

ideias são desenvolvidas. A retomada de tópicos centrais, como o papel do imaginário nas concepções de Bachelard, Maffesoli e Althusser, ajuda a reforçar a compreensão e a conectar seções distintas, criando uma progressão lógica no desenvolvimento das ideias. Além disso, essas referências recorrentes proporcionam uma oportunidade de aprofundar a análise sob diferentes perspectivas, ampliando o entendimento de como o imaginário influencia a percepção do real e molda as estruturas sociais e ideológicas em contextos diversos.

O IMAGINÁRIO MATERIAL DE BACHELARD: ELEMENTOS NATURAIS E A EXPERIÊNCIA HUMANA

Bachelard é uma figura central na filosofia contemporânea, conhecido por seu trabalho ao integrar o conceito de imaginário ao campo epistemológico, especialmente ao explorar como a imaginação poética se entrelaça com o pensamento científico. Bachelard oferece uma ponte entre a ciência e a imaginação, desafiando a separação tradicional entre razão e sensibilidade. Para ele, a imaginação não é apenas uma forma de escapar da realidade, mas um instrumento para a renovação do conhecimento.

O imaginário desempenha um papel muito importante no pensamento de Bachelard, especialmente no que ele chama de imaginário material. Em *La Psychanalyse du Feu* (1938b), ele introduz a ideia de que a imaginação age sobre o mundo físico, transcendendo a percepção ordinária e revelando novos modos de interpretar a realidade. A água, o fogo, o ar e a terra, os quatro elementos que estruturam sua filosofia, não são apenas substâncias físicas, mas entidades simbólicas que moldam profundamente a maneira como o ser humano interage com o mundo e o entende.

Bachelard desafia as concepções positivistas ao propor que a imaginação pode desempenhar um papel disruptivo no progresso científico. Em *Le Nouvel Esprit Scientifique* (1934), ele afirma que a ciência não avança de forma linear e cumulativa, mas através de rupturas epistemológicas, em que o pensamento se afasta dos paradigmas estabelecidos. O imaginário, nesse sentido, é uma força criativa que gera novos paradigmas, questionando estruturas fixas e abrindo espaço para inovações radicais. Aqui, Bachelard antecipa ideias que mais tarde seriam desenvolvidas por Kuhn (1962), como a noção de revoluções científicas.

Contudo, embora Bachelard celebre o poder da imaginação criativa, alguns críticos, como Daston e Galison (2007), sugerem que sua ênfase pode ser idealista demais em contextos científicos mais rigorosos, onde as mudanças nem sempre ocorrem de forma tão radical. Em disciplinas que exigem métodos mais técnicos e cumulativos, a progressão gradual muitas vezes predomina sobre as rupturas

imaginativas. Essa crítica pode ser ampliada com a análise de Jasanoff e Kim (2015) sobre como imaginários sociotécnicos influenciam a estrutura de poder nas ciências.

O papel disruptivo do imaginário também é evidenciado em *La Formation de l'Esprit Scientifique* (1938a), onde Bachelard argumenta que o espírito científico deve ser criativo e capaz de imaginar novas formas de entender a realidade. A imaginação científica é para a formulação de hipóteses que rompem com o conhecimento estabelecido, e o verdadeiro progresso só ocorre quando o cientista é capaz de romper com preconceitos e dogmas. Nesse ponto, Bachelard antecipa a importância do questionamento e da inovação no desenvolvimento do pensamento científico, ressoando com as ideias de Popper (1959; 1963) sobre a falsificabilidade das teorias científicas. Popper, em sua obra *The Logic of Scientific Discovery* (1959), propõe que uma teoria científica só pode ser considerada válida se puder ser testada e potencialmente refutada. Além disso, em *Conjectures and Refutations* (1963), Popper reforça que o avanço do conhecimento depende da formulação de hipóteses que são constantemente submetidas a testes rigorosos e refutadas quando necessário, um processo essencial para o progresso científico. Assim, tanto Bachelard quanto Popper reconhecem que a ciência avança ao abandonar paradigmas superados, tornando a ruptura epistemológica e a falsificabilidade componentes essenciais do método científico.

Além de sua contribuição ao campo da epistemologia, Bachelard também enriquece a compreensão do espaço e da arquitetura por meio de sua análise do imaginário poético. Em *The Poetics of Reverie* (1960), ele argumenta que o espaço habitado não é apenas físico ou geográfico, mas profundamente moldado pela subjetividade e pela imaginação. Os ambientes familiares, como a casa e seus cômodos, ganham novas camadas de significado simbólico quando vistos pela ótica do imaginário. Essa abordagem influenciou áreas como a arquitetura, a geografia humana e a psicologia ambiental, oferecendo uma compreensão mais profunda de como o espaço é vivido e experimentado pelas pessoas. Esse conceito é similar ao que Maffesoli (2020) discute sobre a relação entre comunidade e práticas territoriais.

Em *L'eau et les rêves* (1942), Bachelard amplia sua análise sobre o simbolismo dos elementos naturais, focando especialmente na água como um símbolo fluido que pode representar tanto o movimento quanto a calma. Para Bachelard, a imaginação material está ancorada nas qualidades sensoriais e simbólicas dos elementos naturais, e não apenas na abstração conceitual. Essa abordagem revela como a imaginação, mesmo ao lidar com materiais físicos, transcende o mundo tangível, permitindo que a ciência e a arte se aproximem por meio da exploração dos sentidos e das emoções.

Na psicologia, a influência de Bachelard é sentida em sua análise da imaginação dos sonhos. Em *The Poetics of Reverie* (1960), ele explora a imaginação onírica, sugerindo que os devaneios e os

estados de sonhar moldam a percepção da realidade cotidiana. Bachelard distingue entre a imaginação diurna — que organiza o pensamento — e a imaginação noturna, que é mais livre e liberta as amarras da lógica. Essa abordagem influenciou não apenas a psicanálise e os estudos sobre o inconsciente, mas também os estudos de criatividade e as artes visuais. A relação entre imaginário e criatividade é também explorada por Eagleton (1991), que discute como ideologias moldam a produção do conhecimento.

Contudo, uma crítica que pode ser feita à obra de Bachelard é sua visão otimista sobre o papel da imaginação no avanço científico. Embora inovadora, sua teoria não leva em conta as limitações estruturais e institucionais que muitas vezes restringem a criatividade dentro do campo científico. O peso das tradições e metodologias consolidadas pode, em muitos casos, inibir a aplicação plena da imaginação. Esse ponto é complementado pela análise de Latour (2004), que discute como as práticas sociais e técnicas influenciam a produção científica.

MAFFESOLI: RECONFIGURANDO O IMAGINÁRIO SOCIAL NA PÓS-MODERNIDADE

Maffesoli, ao propor o conceito de imaginário coletivo, oferece uma poderosa ferramenta para analisar as transformações da vida social contemporânea. Diferentemente da modernidade, onde o individualismo e a racionalidade eram os pilares do tecido social, Maffesoli sugere que as sociedades pós-modernas são marcadas por um retorno ao sensível e ao comunitário, expressos por meio de formas de sociabilidade mais fluidas e menos institucionalizadas (ALTHUSSER, 1970).

No livro *Le Temps des Tribus* (1988), Maffesoli analisa o declínio do individualismo nas sociedades de massa, destacando o surgimento de tribos urbanas e digitais, que se formam com base em afinidades simbólicas, emocionais e estéticas. Essas tribos não são definidas por instituições formais, mas por laços afetivos e compartilhamentos simbólicos, refletindo a fluidez da vida social contemporânea. Ele observa que essas microcomunidades são mais efêmeras e espontâneas, resistindo à organização rígida que caracteriza a modernidade.

O conceito de imaginário coletivo, proposto por Maffesoli, é enriquecido em obras como *L'Ombre de Dionysos* (1985), onde ele explora as forças dionisíacas que subvertem a racionalidade moderna. Essas forças representam o prazer, o sensível e o lúdico, em oposição à rigidez racional que dominou a modernidade. Essa dimensão dionisíaca da vida social se reflete nas práticas festivas, no culto ao corpo e no ressurgimento de rituais coletivos, que desafiam a hegemonia da razão instrumental.

Em *L'Instant éternel* (2000), Maffesoli aprofunda essa análise, sugerindo que o retorno do trágico é uma característica das sociedades pós-modernas. Ao contrário do otimismo progressista da modernidade, a pós-modernidade é marcada pela aceitação da incerteza e da impermanência,

características que encontram ressonância nas formas de sociabilidade baseadas no imaginário. Para Maffesoli, o imaginário coletivo é uma força que molda a vida social ao reconectar as pessoas com suas emoções, mitos e rituais compartilhados.

Outra dimensão importante do pensamento de Maffesoli é a questão do estilo comunitário, abordada em *La Contemplation du Monde* (1993). Nesse livro, ele discute como a coesão social não está mais enraizada em grandes projetos racionais, mas em experiências estéticas e afetivas. A conexão entre as pessoas não é mais mediada por instituições formais, mas por valores e símbolos que circulam no imaginário coletivo. Essa visão se opõe ao paradigma racionalista da modernidade, sugerindo que a vida social contemporânea se baseia em uma comunhão de afetos e símbolos que transcendem a lógica racional.

A análise de Maffesoli sobre o imaginário coletivo dialoga com outras teorias que buscam entender a fluidez das relações sociais. Durand (1960), por exemplo, complementa a abordagem de Maffesoli ao discutir como as estruturas arquetípicas moldam o imaginário de uma cultura. Durand argumenta que o imaginário coletivo é composto de mitos e narrativas que fornecem sentido à experiência humana, ressoando com a ideia de Maffesoli de que as tribos pós-modernas são sustentadas por símbolos e afetos compartilhados (HALL, 1990a).

A ruptura com as estruturas modernas é outra característica central do pensamento de Maffesoli. Ele critica o racionalismo da modernidade e o individualismo exacerbado, propondo que novas formas de sociabilidade se baseiam em relações afetivas, espontâneas e, muitas vezes, ritualísticas. Essas novas formas de pertencimento são exemplificadas pelas tribos, que se formam e se dissolvem conforme as necessidades e interesses dos indivíduos mudam. O que importa para essas tribos não é a permanência, mas a intensidade da experiência vivida no presente.

Essa fragmentação do tecido social também é discutida por Lyotard (1979), que observa a proliferação de micronarrativas na sociedade pós-moderna, onde as grandes narrativas do progresso e da razão perdem legitimidade (LATOUR, 2004). Esse processo de fragmentação é diretamente relacionado ao surgimento das tribos descritas por Maffesoli, nas quais as micronarrativas competem por significado e atenção. O imaginário coletivo, portanto, não é mais homogêneo, mas plural e fragmentado, refletindo as complexidades da vida contemporânea.

Em *La Part du Diable* (2002), Maffesoli explora a subversão cultural como uma dimensão importante do imaginário coletivo. Ele argumenta que o imaginário atua como uma força de resistência simbólica, criando espaços de contestação e de criatividade em meio às estruturas de poder estabelecidas. As tribos, com seus rituais e símbolos próprios, exemplificam essa resistência, pois oferecem alternativas à homogeneização social e cultural que prevalece nas sociedades de massa.

No entanto, críticos como Fisher (2009) argumentam que, apesar da tentativa das tribos de resistirem à uniformidade do capitalismo, elas ainda operam dentro de suas dinâmicas de poder. Fisher sugere que o capitalismo cooptou até mesmo as formas de resistência, transformando-as em produtos de consumo. Esse argumento ressoa com a crítica de Maffesoli, que reconhece a dificuldade de escapar completamente das dinâmicas do sistema, embora as tribos tentem formar alternativas ao sistema dominante.

A relevância do conceito de imaginário coletivo é ampliada pelo impacto da tecnologia na sociabilidade contemporânea. Bucher e Helmond (2018) discutem como as plataformas digitais reconfiguram o imaginário coletivo e facilitam a formação de tribos digitais. Através dos algoritmos, as afinidades são reforçadas, e as bolhas digitais criam novas formas de sociabilidade, que fortalecem os laços baseados em símbolos e afetos, mas também criam dinâmicas de exclusão.

ALTHUSSER: A IDEOLOGIA COMO REPRESENTAÇÃO IMAGINÁRIA

Althusser, ao redefinir a ideologia como uma representação imaginária das relações dos indivíduos com suas condições materiais de existência, oferece uma ruptura teórica significativa em relação às visões clássicas da ideologia (ALTHUSSER, 1970). Em vez de ver a ideologia como um conjunto de crenças falsas ou distorcidas, Althusser sugere que ela desempenha um papel estrutural na organização da percepção e da experiência dos sujeitos dentro das relações sociais capitalistas (ALTHUSSER, 2014).

Para Althusser, a ideologia é vivida de maneira prática e naturalizada, o que a torna eficaz na reprodução das condições materiais de existência (ALTHUSSER, 1970). Ao ser vivida como algo natural, a ideologia torna-se um mecanismo poderoso de controle social, pois os sujeitos aceitam suas condições de vida sem questionamento. Esse processo de naturalização da ideologia é central para a reprodução do capitalismo, pois esconde as formas de exploração e dominação que sustentam o sistema (ALTHUSSER, 2014; DURAND, 1960).

O conceito de interpelação é uma das principais inovações de Althusser (ALTHUSSER, 1970). Através da interpelação, a ideologia chama os indivíduos, transformando-os em sujeitos dentro de uma estrutura social que oculta as condições de exploração. Esse processo é facilitado pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), como a escola, a família, a igreja e a mídia, que desempenham um papel na reprodução da ideologia dominante (ALTHUSSER, 1970; BACKER, 2024; CASSIN, 2023). Esses

aparelhos operam por meio da persuasão, em vez de coerção, garantindo que os indivíduos internalizem as normas e valores que sustentam o capitalismo (ALTHUSSER, 2014).

A materialidade da ideologia é outro aspecto importante na teoria de Althusser (ALTHUSSER, 1970). Ele argumenta que a ideologia não existe apenas no nível das ideias, mas é materialmente incorporada nas práticas cotidianas e nas instituições sociais. Isso significa que a ideologia é experimentada de forma concreta na vida cotidiana, o que aumenta sua eficácia como um mecanismo de controle social (ALTHUSSER, 2014; BACHELARD, 1957).

Essa visão da ideologia como um fenômeno material foi expandida por pensadores como Mark Fisher, que em *Capitalist Realism* (FISHER, 2009) argumenta que o capitalismo contemporâneo se tornou uma ideologia invisível, dificultando a imaginação de alternativas ao sistema. O realismo capitalista opera como uma forma de interpelação, transformando os indivíduos em sujeitos que aceitam o capitalismo como a única realidade possível (FISHER, 2009). Esse conceito complementa a análise de Althusser sobre a eficácia da ideologia na organização da percepção social (ALTHUSSER, 2014; COMAROFF; COMAROFF, 2000).

Além disso, estudos recentes exploram as tensões e afinidades entre os pensamentos de Althusser e outros teóricos contemporâneos. Por exemplo, Bôas Filho (2023) discute as intersecções entre as teorias de Althusser e Pierre Bourdieu, destacando como ambas as abordagens contribuem para uma compreensão mais aprofundada das estruturas de poder e reprodução social. Da mesma forma, Motta e Serra (2024) dialogam sobre a ideologia em Althusser e Laclau, elucidando como essas perspectivas se complementam e se desafiam mutuamente na análise das dinâmicas ideológicas modernas.

Ademais, a influência de Althusser nas práticas do serviço social é discutida por Cordeiro (2024), que examina como suas teorias sobre a ideologia e os AIEs informam as abordagens contemporâneas no campo da assistência social. Essas contribuições reforçam a relevância contínua de Althusser na análise crítica das instituições sociais e das formas de controle ideológico no contexto atual (SILVA, 2024; SILVA, *et al*., 2022)

Ao discutir o imaginário ideológico, podemos relacionar a análise de Althusser com o conceito de imaginário social de Maffesoli (MAFFESOLI, 1985; BARROS, 2013). Enquanto Althusser foca na maneira como a ideologia estrutura a prática social por meio dos AIEs, Maffesoli analisa o imaginário como um elemento simbólico que também possui uma dimensão material, enraizada nas práticas e nos rituais da vida social (MAFFESOLI, 1993). Dessa forma, o imaginário ideológico pode ser entendido como uma articulação entre o simbólico e o material, operando para naturalizar as relações de produção e garantir a reprodução do sistema capitalista (MAFFESOLI, 2002).

A EXPANSÃO DO CONCEITO DE IMAGINÁRIO NA ERA DIGITAL E GLOBALIZADA

Nas últimas décadas, o conceito de imaginário foi amplamente reconfigurado e expandido, atravessando diversos campos do conhecimento como a filosofia, sociologia, estudos culturais, comunicação, e até mesmo áreas emergentes como a ciência dos dados e os estudos de tecnologia. O conceito de imaginário, que inicialmente estava associado à criação simbólica, representações coletivas e mitos culturais, passou a abranger novas dimensões relacionadas à digitalização, à globalização e ao capitalismo contemporâneo, onde a tecnologia e o fluxo de informações desempenham um papel central na formação e controle dos imaginários sociais.

O trabalho de Bachelard, Maffesoli e Althusser continua a fornecer uma base sólida para a compreensão do imaginário, ainda que suas contribuições se deem em perspectivas distintas. Bachelard explora o imaginário poético e fenomenológico, enquanto Maffesoli aborda o imaginário coletivo que emerge nas tribos pós-modernas, e Althusser analisa como a ideologia organiza a percepção social por meio de mecanismos de controle institucional. No entanto, o avanço das tecnologias digitais e das formas de globalização cultural introduziu novos desafios e oportunidades para a análise do imaginário, levando a uma atualização teórica e prática desse conceito.

A digitalização das interações sociais e a ascensão das redes sociais transformaram radicalmente a maneira como os imaginários são formados, disseminados e controlados. Plataformas como Facebook, Twitter, Instagram e YouTube não são apenas ferramentas de comunicação, mas também verdadeiras arquiteturas do imaginário, moldando ativamente as formas de interação e as narrativas que circulam na esfera pública. Essas plataformas criam o que Van Dijck, em *The Culture of Connectivity* (2013), chama de ecossistema conectivo, onde a cultura digital molda e é moldada por fluxos contínuos de informação. As plataformas digitais operam como mediadoras da realidade, organizando as percepções coletivas por meio de algoritmos que curam o conteúdo que os usuários consomem.

Esse processo de curadoria algorítmica tem profundas implicações no imaginário coletivo, pois ao mesmo tempo que oferece um espaço para a expressão individual e a formação de tribos digitais, também delimita o alcance e a visibilidade de determinadas ideias, reforçando bolhas de afinidade e criando silos informacionais. A consequência disso é a fragmentação do imaginário social, onde múltiplos imaginários coexistem e competem por atenção em um ambiente digital saturado de informações. Esse fenômeno é uma ampliação do que Maffesoli já havia identificado como a proliferação de tribos no contexto pós-moderno, mas agora mediado por tecnologias digitais que amplificam a segmentação e a personalização dos espaços sociais (SCHROEDER; ABREU; ALVES, 2022; ALVES, *et al*., 2022; MOREIRA, 2022).

Um aspecto central dessa nova dinâmica digital é o poder dos algoritmos em moldar o comportamento humano. Em *The Age of Surveillance Capitalism* (2019), Zuboff explora como o capitalismo de vigilância coleta dados pessoais em massa para prever e influenciar o comportamento dos indivíduos, criando um novo tipo de imaginário, no qual as noções de privacidade, autonomia e agência são redefinidas. As plataformas digitais, ao monitorarem e registrarem cada movimento, transformam as interações sociais em mercadoria, controlando como os indivíduos se percebem e percebem o mundo ao seu redor. Esse controle algorítmico reforça a ideia de que o imaginário digital não é neutro, mas profundamente enraizado nas lógicas de mercado e poder, onde as grandes corporações tecnológicas moldam as experiências e os discursos (COULDRY; MEJIAS, 2020; BEER, 2021; BATISTONI, 2021; PALLOTTA, 2021; MOTTA, 2021.).

Zuboff alerta que a vigilância algorítmica não apenas coloniza a vida privada, mas também influencia o que os indivíduos imaginam ser possível. Ao regular as interações e manipular a experiência social, os algoritmos delimitam o horizonte imaginativo, tornando mais difícil imaginar alternativas ao sistema vigente. Essa colonização do imaginário social também é tratada por Beer (2021), que discute o *data imaginary* - um conceito que explora como os dados e as tecnologias digitais reconfiguram a percepção social e moldam novas formas de ver e interpretar o mundo.

No contexto globalizado, o conceito de imaginário foi expandido para incluir não apenas o simbólico, mas também o impacto das inovações tecnológicas e das visões de futuro sobre a sociedade. O trabalho de Jasanoff e Kim (2009; 2015) introduz o conceito de imaginários sociotécnicos, que descreve como as visões coletivas sobre o futuro tecnológico moldam políticas, sociedades e formas de organização. Esses imaginários sociotécnicos envolvem a articulação de futuros desejáveis – ou indesejáveis – através de narrativas que guiam as inovações tecnológicas, ao mesmo tempo em que refletem as aspirações, medos e esperanças de uma sociedade.

Esses imaginários não são apenas projeções abstratas; eles influenciam diretamente a criação de políticas públicas, regulamentações e até a formação de identidades nacionais. Em um mundo globalizado, a difusão de tecnologias digitais, como inteligência artificial, big data e plataformas de redes sociais, reforça as interações entre o local e o global, criando formas de imaginar o futuro. A globalização tecnológica, portanto, molda a maneira como imaginamos não só o presente, mas também o futuro, em termos de avanços tecnológicos, sustentabilidade e desenvolvimento social (SILVA; CARRETO, 2020).

A expansão dos imaginários sociotécnicos também está vinculada à crescente interconectividade das economias globais e ao impacto da cultura digital na formação de identidades híbridas. Pieterse (2009), em *Globalization and Culture: Global Mélange*, argumenta que a globalização não é um

processo de homogeneização cultural, mas sim de hibridização, onde o local e o global se misturam, formando novos tipos de identidades culturais e sociais. Esse processo de hibridização se reflete no imaginário coletivo contemporâneo, que se torna fragmentado e plural, ao mesmo tempo que incorpora elementos globais e locais em uma fusão complexa.

Esses novos imaginários híbridos se manifestam nas tribos digitais descritas por Maffesoli, onde os indivíduos formam comunidades fluidas e efêmeras em torno de afinidades estéticas, culturais ou ideológicas. No entanto, a questão que surge é até que ponto essas tribos realmente oferecem resistência ao sistema dominante ou se estão inseridas nas dinâmicas do capitalismo global. Ao integrar símbolos globais com práticas locais, as tribos digitais podem tanto subverter quanto reforçar as estruturas de poder estabelecidas, dependendo da maneira como essas formas de sociabilidade são negociadas.

Outro ponto central no debate contemporâneo sobre o imaginário é o impacto dos dados e da vigilância na forma como o imaginário coletivo é produzido e controlado. Couldry e Mejias (2020), em *The Costs of Connection*, introduzem o conceito de colonização de dados, sugerindo que o uso crescente de dados para explorar e redefinir as relações sociais está transformando o imaginário social. Eles argumentam que o capitalismo de dados não apenas monetiza as interações sociais, mas também molda profundamente como as pessoas se veem e se posicionam no mundo, criando um tipo de subjetividade baseada na quantificação e no controle algorítmico.

Essa nova forma de imaginário controlado pela lógica dos dados e algoritmos reforça as dinâmicas de poder já existentes, ao mesmo tempo que cria hierarquias. Ao transformar todos os aspectos da vida em dados, o capitalismo de vigilância molda o que é visível e invisível na esfera pública, delimitando o espaço de ação e imaginação dos indivíduos. A ideia de que os dados podem prever e controlar o comportamento humano reforça o realismo capitalista descrito por Fisher (2009), no qual o capitalismo se torna tão profundamente naturalizado que se torna difícil imaginar alternativas viáveis ao sistema vigente.

Apesar da colonização do imaginário pelas plataformas digitais e pelas lógicas de mercado, ainda existem espaços de resistência e criação de novos imaginários. O surgimento de movimentos sociais globais, como as revoluções digitais e os protestos contra a vigilância massiva, oferece um exemplo de como o imaginário coletivo pode ser mobilizado para contestar as estruturas de poder. A organização de protestos através de plataformas digitais, como ocorreu nas Primaveras Árabes ou nos movimentos *Occupy*, mostra que, apesar da vigilância, os indivíduos e comunidades ainda encontram maneiras de se apropriar dessas plataformas para contestar a hegemonia do poder (BATISTA, 2021; BATISTONI, 2021; PALLOTTA, 2021; MOTTA, 2021.).

Butler, em *Gender Trouble* (1990), discute como as identidades sociais são performances em constante construção, e isso pode ser aplicado às formas de resistência no ambiente digital. As tribos contemporâneas, tanto físicas quanto digitais, podem ser vistas como espaços de renegociação de identidades e imaginários sociais, em uma dinâmica fluida e interativa, onde as barreiras tradicionais entre o público e o privado, o local e o global, são constantemente questionadas e reconfiguradas.

Da mesma forma, Haraway, em *Cyborg Manifesto* (1991), oferece uma visão alternativa ao sugerir que a hibridização entre o biológico e o tecnológico pode criar imaginários, nos quais a subjetividade humana é expandida e redefinida por meio da tecnologia. A ideia de Haraway de que o cyborg é uma figura de resistência à dominação patriarcal e capitalista se encaixa nos debates sobre como o imaginário digital pode tanto subverter quanto reforçar as estruturas de poder.

A expansão contemporânea do conceito de imaginário na era digital e globalizada revela uma interseção complexa entre o simbólico, o tecnológico e o social. O imaginário não é mais apenas uma construção cultural ou social abstrata; ele é moldado ativamente por forças tecnológicas, econômicas e políticas que reconfiguram a maneira como as pessoas experimentam e interpretam o mundo. Através do controle algorítmico, da vigilância digital e das plataformas de redes sociais, o imaginário coletivo se torna tanto uma ferramenta de controle quanto um espaço potencial de resistência.

As teorias de Bachelard, Maffesoli e Althusser continuam a ser relevantes, mas são enriquecidas pelas contribuições contemporâneas que ampliam o conceito de imaginário para abarcar as novas realidades digitais e globais. Em última análise, o imaginário digital e globalizado está em constante negociação, moldando tanto o presente quanto as possibilidades de futuro em um mundo cada vez mais interconectado e tecnologicamente mediado.

METODOLOGIA

Este estudo utiliza uma abordagem qualitativa, centrada no método fenomenológico, conforme os princípios propostos por Edmund Husserl (1859-1938). A fenomenologia foi escolhida por sua capacidade de investigar a essência dos fenômenos tal como eles se apresentam à consciência, desvendando as estruturas subjacentes à percepção e ao entendimento humano. Esse método busca compreender a experiência vivida de maneira direta, sem intermediários ou pré-julgamentos, permitindo que o fenômeno seja examinado em sua forma mais genuína (HUSSERL, 1931).

Um conceito central da fenomenologia husserliana é a epoché, ou redução fenomenológica, que envolve a suspensão de preconceitos e pressuposições por parte do pesquisador, permitindo que o fenômeno seja observado sem interferências externas ou teorias pré-concebidas (HUSSERL, 1960). No

contexto deste estudo, a epoché foi aplicada para garantir que as ideias de Bachelard, Maffesoli e Althusser fossem analisadas de maneira imparcial, concentrando-se nas experiências e nos conceitos de imaginário e real, conforme apresentados em suas respectivas obras.

A pesquisa fenomenológica, tal como proposta por Husserl, visa um entendimento profundo e estruturado dos fenômenos, sempre partindo da consciência intencional. Como apontado em The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology (1970b), o objetivo da fenomenologia não é apenas descrever a experiência, mas também revelar as estruturas universais que sustentam essa experiência. Nesse sentido, o método fenomenológico vai além de uma análise empírica ou subjetiva, adotando uma abordagem transcendental, na qual o foco está na essência do fenômeno investigado.

Conforme descrito por Husserl em *Phenomenological Psychology* (1977), a fenomenologia explora a experiência vivida em profundidade, indo além da observação superficial para acessar as camadas mais profundas da percepção. Este estudo adota essa perspectiva para investigar como o imaginário e o real se entrelaçam nas obras de Bachelard, Maffesoli e Althusser, buscando revelar as essências que fundamentam suas concepções teóricas.

Procedimentos de levantamento de dados

O levantamento de dados foi realizado por meio de uma pesquisa bibliográfica fenomenológica, concentrando-se em obras de Bachelard**,** Maffesoli e Althusser, com o objetivo de explorar como cada um desses autores articula as relações entre o imaginário e o real (Gomes *et al*., 2024). A escolha das obras primárias foi guiada pela relevância dos textos para a **c**ompreensão dos conceitos de imaginário e realidade. Entre as obras de Bachelard, foram incluídas *La Psychanalyse du Feu* (1938), *La Poétique de l'Espace* (1957) e *L'eau et les Rêves* (1942), que desenvolvem o conceito de imaginário material. Para Maffesoli, foram selecionadas entre outras, *Le Temps des Tribus* (1988), *L'Ombre de Dionysos* (1985) e *La Contemplation du Monde* (1993), nas quais o imaginário coletivo é abordado como estruturante das relações sociais. No caso das obras de Althusser, selecionou-se as obras *Pour Lire Le Capital* (1965) e *Idéologie et Appareils Idéologiques d'État* (1970) que são duas das que foram essenciais para a análise do imaginário em seu vínculo com a ideologia e a manutenção das relações de poder.

Além das obras primárias, foi conduzido um levantamento de fontes secundárias, incluindo publicações recentes. A base de dados utilizada foi o Google Scholar, com foco em artigos acadêmicos publicados nos últimos anos. O uso de fontes em outros idiomas além do português garantiu uma cobertura internacional dos debates contemporâneos sobre fenomenologia, epistemologia e as dinâmicas do imaginário, conforme recomendado por Flick (2018) e Creswell (2013). A inclusão de textos em

várias línguas foi essencial para contextualizar o estudo dentro do estado da arte da pesquisa sobre o imaginário e suas implicações filosóficas e sociais.

Procedimentos de análise de dados

A fim de aplicar a abordagem fenomenológica à análise dos conceitos de imaginário e real, os dados foram examinados à luz dos princípios da fenomenologia husserliana, que busca compreender as essências dos fenômenos a partir das experiências diretas, sem pré-julgamentos (GOMES, *et al*., 2024). Isso significou analisar as obras de Bachelard, Maffesoli e Althusser com o objetivo de desvendar como o conceito de imaginário se manifesta em suas teorias e como ele influencia a compreensão da realidade e das estruturas sociais. O foco da análise foi direcionado à consciência intencional, ou seja, à maneira como cada autor aborda o fenômeno do imaginário, sempre em relação a um objeto específico: o mundo material para Bachelard, a vida social para Maffesoli e as relações ideológicas para Althusser (HUSSERL, 1931). O processo foi organizado em quatro fases, descritas e aplicadas da seguinte maneira:

1. **Epoché e Redução Fenomenológica:** O primeiro passo da análise foi a aplicação da epoché, conforme Husserl descreve em *Cartesian Meditations* (1960). Esse processo envolveu a suspensão de todos os preconceitos e pressuposições sobre os autores e suas obras, permitindo que suas concepções de imaginário e real fossem observadas em sua forma mais pura, sem serem influenciadas por teorias externas ou pelo conhecimento prévio do pesquisador. No caso concreto deste estudo, isso significou que a análise foi conduzida sem impor sobre Bachelard, Maffesoli ou Althusser qualquer conceito externo de imaginário ou realidade. Cada autor foi examinado com base em suas próprias palavras e contextos, sem tentar forçar uma homogeneização das suas ideias ou submeter suas concepções a uma estrutura teórica rígida. A epoché garantiu que as teorias de imaginário de cada autor pudessem emergir naturalmente, e não por meio da comparação inicial com as de outro autor.
2. **Análise Eidética:** Após a epoché, a análise eidética foi realizada para identificar as essências dos conceitos de imaginário e real nos textos dos autores, seguindo o que Husserl delineia em *Logical Investigations* (1970a). No contexto deste estudo, a análise eidética focou-se em encontrar as características fundamentais do imaginário em cada autor. Para Bachelard, a essência do imaginário foi encontrada em sua relação com os elementos naturais e na sua capacidade de transformar o mundo material por meio da imaginação poética. Para Maffesoli, a análise identificou o imaginário como uma força coletiva, essencial na formação das identidades sociais, moldando as estruturas tribais contemporâneas. Já em Althusser, o imaginário revelou-se como uma ferramenta ideológica, usada para mascarar as relações reais de poder dentro das estruturas de dominação social. A análise eidética, portanto, foi essencial para extrair as características fundamentais do imaginário, permitindo que essas essências fossem comparadas entre os autores.
3. **Variação Imaginativa:** O terceiro passo foi o uso da variação imaginativa, uma técnica da fenomenologia, conforme descrita por Husserl em *Ideas* (1931). A variação imaginativa permite testar a robustez das essências identificadas, imaginando cenários diferentes onde essas essências se manifestariam de forma variada. Neste estudo, a variação imaginativa foi aplicada ao explorar como o imaginário poderia se manifestar em diferentes contextos nas obras dos três autores. Por exemplo, no caso de Bachelard, imaginou-se como a noção de imaginário material

poderia ser aplicada fora do contexto da poesia e da ciência, em esferas como a arte ou a religião. Em Maffesoli, a variação testou a aplicabilidade do imaginário coletivo em diferentes tipos de sociedades, como tribos urbanas ou comunidades digitais contemporâneas. Em Althusser, a variação imaginativa questionou se o imaginário ideológico poderia operar de maneira semelhante em outros sistemas políticos e econômicos, além do marxismo. Essa técnica permitiu expandir a análise e testar a robustez das essências em cenários diversos, garantindo que as conclusões fossem mais abrangentes.

4. **Triangulação de Perspectivas:** A etapa final foi a triangulação de perspectivas, na qual as abordagens fenomenológicas, sociológicas e ideológicas dos três autores foram comparadas. Seguindo as recomendações de Husserl em *Phenomenology and the Foundations of the Sciences* (1980), essa fase buscou verificar como as diferentes abordagens do imaginário convergem ou divergem na construção da realidade.

Na prática, isso significou comparar como o imaginário material de Bachelard, o imaginário coletivo de Maffesoli e o imaginário ideológico de Althusser se relacionam com a realidade em termos de ciência, sociedade e poder, respectivamente. Por exemplo, analisou-se como o imaginário contribui para a construção do real no domínio científico (Bachelard), na organização social (Maffesoli) e na manutenção de estruturas ideológicas (Althusser). A triangulação permitiu identificar convergências, como o fato de todos os autores tratarem o imaginário como uma força constitutiva da realidade, e divergências, como a visão crítica de Althusser, que vê o imaginário como um mecanismo de controle ideológico, em contraste com a visão criativa e positiva de Bachelard e Maffesoli.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: O IMAGINÁRIO E SUAS BASES EPISTEMOLÓGICAS

Bachelard e o Imaginário Fenomenológico

Bachelard foi um filósofo e epistemólogo francês cuja trajetória influenciou profundamente a filosofia da ciência e a imaginação poética. Nascido em *Bar-sur-Aube*, Champagne, sua infância rural e conexão com a natureza moldaram suas reflexões sobre materialidade e fenomenologia do imaginário. Inicialmente funcionário dos correios, Bachelard formou-se em física e matemática, lecionando no ensino secundário antes de ingressar na academia filosófica aos 40 anos, onde revolucionou a epistemologia ao propor que o conhecimento científico avança por rupturas e descontinuidades, como nas revoluções da relatividade e da mecânica quântica (BACHELARD, 1934).

Em *La Formation de l'Esprit Scientifique* (1938a), ele destaca a necessidade de superar obstáculos epistemológicos, como preconceitos e ilusões, alinhando a ciência moderna com uma visão poética do universo (ALMEIDA, 2023). Bachelard desenvolveu uma fenomenologia da imaginação poética em obras como *La Poétique de l'Espace* (1957) *e La Psychanalyse du Feu* (1938b), propondo que a ciência e a poesia são modos complementares de interação com o mundo. Ele valoriza tanto a

imaginação formal quanto a prática, essenciais para a compreensão do mundo (BULCÃO, 2021; SCHROEDER; ABREU; ALVES, 2022; ALVES, *et al*., 2022; MOREIRA, 2022).

Durante as décadas de 1930 e 1940, Bachelard desafiou o idealismo e o positivismo comteano predominantes na Sorbonne, propondo uma epistemologia das ciências que contrastava com os modelos estabelecidos (BULCÃO, 2021; BÔAS FILHO, 2023). Ele também abordou a psicanálise do fogo e as criações do espírito, retomando procedimentos românticos esquecidos e mostrando a eficácia das construções mentais sobre o concreto (MAFFESOLI, 2008).

As ideias de Bachelard encontram paralelos em debates contemporâneos, como a crítica de Fisher ao realismo capitalista e as discussões sobre a reforma do ensino médio no Brasil que ignoram a imaginação (FISHER, 2009; GOMES *et al*., 2024). Sua abordagem sobre o imaginário poético, em *L'Eau et les Rêves* (1942), revela que a poesia acessa verdades que a ciência não alcança, posicionando a imaginação como um espaço de contestação e transformação (LATOUR, 2004).

Bachelard também influenciou pensadores como Althusser, que explora como as ideologias moldam a percepção do real, e Butler, que vê a construção de identidades de gênero como um campo de luta (MOTTA; SERRA, 2024; BUTLER, 1990). Sua visão integradora de ciência e poesia, reconhecida por Harding em *Objectivity and Diversity* (1992), enfatiza a imaginação como força transformadora que enriquece a produção do conhecimento.

Em suma, Bachelard destacou a importância da imaginação na ciência e na poesia, promovendo uma visão ampla do conhecimento que integra criatividade e sensibilidade ao processo científico, desafiando as certezas estabelecidas e impulsionando um futuro intelectual mais iluminado (BULCÃO, 2021).

Maffesoli e o Imaginário Coletivo

Michel Maffesoli é um sociólogo e filósofo francês renomado por suas análises sobre a pós-modernidade, o imaginário social e as novas formas de sociabilidade. Formado em Sociologia pela Universidade de Grenoble (doutorado em 1973) e em Letras (doutorado em 1978), Maffesoli assumiu a cátedra de Émile Durkheim (1858-1917) na Sorbonne em 1981, consolidando-se como um dos principais sociólogos contemporâneos. Sua obra rompe com as concepções tradicionais da sociologia moderna, influenciado por Karl Marx (1818-1883) e Martin Heidegger (1889-1976) e, principalmente, pelo mitólogo Gilbert Durand (1921-2012), que o direcionou para o estudo do imaginário social (MAFFESOLI, 1988; 1990).

Maffesoli enfatiza o imaginário coletivo como fundamental para a coesão social e a formação das identidades. Em *Le Temps des Tribus* (1988) e *Au creux des apparences* (1990), ele explora o retorno ao simbólico e ao afetivo na pós-modernidade, argumentando que as estruturas sociais contemporâneas são sustentadas por laços afetivos, estéticos e simbólicos, ao invés de normas racionais ou econômicas. Ele introduz o conceito de tribos pós-modernas, pequenos grupos que emergem na fragmentação das grandes narrativas e instituições tradicionais (MAFFESOLI, 1988; 1990; MAFFESOLI; ICLE, 2011).

Essas tribos se organizam com base em afinidades estéticas e simbólicas, promovendo pertencimento através de emoções e experiências sensíveis, alinhando-se com análises de Poisk *et al*. (2023) sobre novas formas de construção identitária. Fundamentado na Fenomenologia e na Sociologia Compreensiva, Maffesoli valoriza o sensível, o subjetivo e o emocional na vida social, propondo que o imaginário é central para as identidades coletivas e a sociabilidade em contextos pós-modernos fragmentados (MAFFESOLI; ICLE, 2011).

Em *Le Temps des Tribus* (1988), ele descreve o imaginário coletivo como o cimento que une indivíduos em tribos baseadas em afetos, símbolos e rituais, ao invés de estruturas racionais ou econômicas. O processo de tribalização, conforme Maffesoli, ocorre na dissolução de grandes instituições e narrativas, com indivíduos formando pequenas unidades sociais com imaginários comuns, baseadas em afinidades simbólicas, emocionais e estéticas (MAFFESOLI, 1988).

Além de promover coesão social, o imaginário coletivo possui uma dimensão subversiva. Em *Au creux des apparences* (1990), Maffesoli argumenta que o imaginário cria microespaços de autonomia onde as normas de poder são contestadas, permitindo resistência contra a racionalidade instrumental e o controle social, fomentando formas de insurgência contra a uniformidade das instituições dominantes (MAFFESOLI, 1990; 2002).

Finalmente, Maffesoli aborda a relação entre imaginário e desenvolvimento tecnológico, destacando que as tecnologias são tanto produtos quanto espaços de expressão do imaginário. Elas facilitam a criação de comunidades virtuais e espaços de comunhão afetiva, desafiando as barreiras tradicionais da sociabilidade. Conforme Silva (2019), as tecnologias são produtos do imaginário e servem como espaços para a construção e expressão de múltiplos imaginários, evidenciando o papel dinâmico do imaginário nas transformações sociais contemporâneas.

Althusser e o Imaginário Ideológico

Althusser é reconhecido como um dos principais expoentes do marxismo estruturalista do século XX. Sua obra revitalizou o pensamento marxista, oferecendo novas formas de compreender como a

ideologia permeia a vida social e molda as relações de poder. Influenciado por correntes filosóficas como o estruturalismo, a psicanálise e a epistemologia bachelardiana, Althusser propôs uma abordagem inovadora sobre a ideologia e seu vínculo com o imaginário.

Nascido na Argélia e formado na *École Normale Supérieure* em Paris, onde se tornou professor, Althusser influenciou várias gerações de intelectuais marxistas. Sua vida pessoal, marcada por sérios problemas de saúde mental e pelo trágico assassinato de sua esposa Hélène Rytmann (1910-1980), não diminui a relevância de sua obra para a compreensão da ideologia no marxismo.

No cerne de seu pensamento está o conceito de ideologia, detalhado em *Idéologie et appareils idéologiques d'État* (1970). Althusser argumenta que a ideologia é uma representação imaginária das relações dos indivíduos com suas condições materiais, operando além da consciência racional e naturalizando as relações de poder. Žižek (1989) expande essa ideia, sugerindo que a ideologia organiza a realidade subjetiva no nível da fantasia, influenciando desejos e o inconsciente.

Althusser desafia a visão marxista tradicional que vê a ideologia como falsa consciência ligada à dominação de classe. Incorporando o estruturalismo e a psicanálise freudiana, ele amplia o conceito para incluir práticas cotidianas que perpetuam as estruturas de poder (FOFANO; RECH, 2021; BATISTONI, 2021; PALLOTTA, 2021; MOTTA, 2021.). Eagleton (1991) reforça que a ideologia molda tanto crenças quanto práticas diárias, estando profundamente enraizada nas interações cotidianas.

A relação entre ideologia e imaginário ideológico em Althusser está conectada ao conceito de corte epistemológico de Bachelard, que exige uma ruptura com o senso comum para o progresso científico. Em *Pour Lire Le Capital* (1965), Althusser critica o empirismo e o positivismo, defendendo que o marxismo científico requer um corte epistemológico para desmascarar a ideologia (MARTINS; CORRÊA; FERREIRA, 2024).

A integração da psicanálise na análise da ideologia sugere que o imaginário ideológico afeta emoções, desejos e fantasias. Bachelard, em *La Psychanalyse du Feu* (1938b), e Žižek (1989) destacam que a ideologia opera no nível subconsciente, organizando desejos e emoções de forma a sustentar as relações de poder.

Althusser critica a visão simplista das ideologias como meras concepções de mundo, argumentando que elas estão profundamente enraizadas nas condições materiais dos sujeitos e mediadas por relações de poder (CORDEIRO, 2024). Em suma, Althusser oferece uma interpretação complexa da ideologia, integrando epistemologia e psicanálise para demonstrar que a ideologia opera em níveis racionais, simbólicos e afetivos, garantindo a coesão social e a continuidade das relações de poder.

Convergências e Divergências entre Bachelard, Maffesoli e Althusser

Os trabalhos de Bachelard, Maffesoli e Althusser abordam o conceito de imaginário de maneiras distintas, cada qual influenciado por suas próprias tradições filosóficas e epistemológicas. Apesar de suas diferentes formações intelectuais — Bachelard na epistemologia e fenomenologia, Maffesoli na sociologia e Althusser no marxismo estruturalista — todos eles reconhecem a importância central do imaginário na constituição das subjetividades e das relações sociais. No entanto, há divergências significativas nas formas como esses pensadores interpretam as funções sociais, epistemológicas e políticas do imaginário.

Convergências entre Bachelard, Maffesoli e Althusser

As convergências entre Bachelard, Maffesoli e Althusser revelam uma compreensão compartilhada da importância do imaginário na organização da vida social e no desenvolvimento do pensamento humano. Os três autores exploram a centralidade do imaginário em suas obras, destacando seu caráter intrinsecamente coletivo e social, embora cada um o faça a partir de perspectivas distintas e com finalidades diferentes.

Para Bachelard, o imaginário desempenha um papel na mediação entre o sujeito e o mundo sensível. Em obras como *La Psychanalyse du Feu* (1938b) e La *Poétique de l'Espace* (1957), ele argumenta que o imaginário não apenas transforma a percepção empírica do mundo, mas também oferece um meio de transcendência. Bachelard utiliza o fogo como um símbolo recorrente, representando tanto destruição quanto transformação, elementos essenciais na imaginação criativa que molda as realidades subjetivas e coletivas. O fogo, nesse contexto, não é apenas um fenômeno físico, mas uma metáfora para os processos internos da imaginação que permitem ao sujeito reinterpretar e recriar sua relação com o mundo.

Maffesoli amplia essa noção ao situar o imaginário no centro das interações sociais. Em *Le Temps des Tribus* (1988), ele explora como o imaginário atua como base para a construção de identidades coletivas nos tribalismos pós-modernos. Maffesoli observa que, na contemporaneidade, grupos como fãs de subculturas ou movimentos sociais compartilham símbolos e afetos que criam um senso de pertencimento e novas formas de sociabilidade. Ele sugere que o imaginário, por meio de rituais e símbolos, une os indivíduos em uma sociedade fragmentada, transcende a racionalidade e possibilita a formação de microespaços de resistência. Esses espaços permitem que os indivíduos se

reúnam em torno de valores e significados compartilhados, criando uma coesão social que contrasta com as estruturas impessoais e racionais da modernidade.

Althusser, por outro lado, adota uma visão mais crítica do imaginário. Em *Idéologie et Appareils Idéologiques d'État* (1970), ele define o imaginário como um mecanismo ideológico para interpelar os indivíduos como sujeitos. Althusser argumenta que o imaginário atua dentro da ideologia para perpetuar relações de dominação, mascarando as verdadeiras condições de exploração nas sociedades capitalistas. Para ele, o imaginário não cria ou transcende realidades, mas sim legitima e sustenta o status quo, servindo como uma ferramenta que naturaliza as desigualdades e as hierarquias sociais. Essa perspectiva coloca o imaginário como um elemento central na manutenção das estruturas de poder, onde as representações simbólicas são utilizadas para obscurecer as contradições e conflitos inerentes ao sistema capitalista.

Além disso, um ponto de convergência significativo entre os três pensadores é a noção de que o imaginário é intrinsecamente coletivo. Para Bachelard, embora a imaginação seja uma faculdade subjetiva, ela exerce impactos amplos no campo da ciência e da cultura. Em *L'eau et les rêves* (1942), ele discute como a relação simbólica com elementos como a água molda as percepções coletivas das sociedades, influenciando as maneiras pelas quais o conhecimento é organizado e transmitido. A água, como símbolo, não apenas reflete experiências individuais, mas também configura entendimentos compartilhados que permeiam a cultura e a ciência.

Maffesoli compartilha essa perspectiva ao destacar que o imaginário é a base das construções sociais e identitárias. Em *La Contemplation du Monde* (1993), ele argumenta que as tribos contemporâneas - como subculturas urbanas ou comunidades digitais - constroem seus sistemas de pertencimento por meio de símbolos compartilhados e afetos, criando espaços de resistência às normas modernistas e racionais. Para Maffesoli, o imaginário coletivo não apenas reflete o mundo, mas também o transforma por meio de práticas estéticas e emocionais. Essas práticas permitem que as comunidades estabeleçam uma identidade própria, distinta das estruturas impessoais da sociedade moderna, promovendo uma coesão social baseada em valores compartilhados e experiências comuns.

Althusser também vê o imaginário como um fenômeno coletivo, mas sua interpretação é consideravelmente mais pessimista. Em *Sur la reproduction* (2011) e *On the Reproduction of Capitalism* (2014), ele argumenta que as instituições sociais, como a escola, a igreja e a mídia, utilizam o imaginário para garantir a coesão social e a perpetuação das relações de produção capitalistas. Para Althusser, essas instituições moldam o imaginário coletivo de maneira a naturalizar as desigualdades e legitimar as hierarquias sociais, funcionando como aparelhos ideológicos de Estado que reproduzem as condições necessárias para a manutenção do sistema capitalista. Dessa forma, o imaginário coletivo, sob

a ótica de Althusser, serve para esconder as contradições e injustiças do sistema, apresentando-as como naturais e inevitáveis.

A influência de Bachelard é evidente tanto em Maffesoli quanto em Althusser, embora de maneiras diferentes. Maffesoli incorpora a noção de imaginação material nas análises sociológicas da pós-modernidade, expandindo a ideia de Bachelard sobre a materialidade do imaginário para explorar a fluidez das dinâmicas sociais contemporâneas. Em *L'Instant Éternel* (2000), ele utiliza a noção de imaginação material para entender como as mudanças rápidas e constantes na sociedade moderna geram novas formas de sociabilidade e identidades fluidas, refletindo a influência das ideias bachelardianas sobre a interação entre materialidade e imaginação.

Já Althusser adota a epistemologia bachelardiana para fundamentar seu conceito de corte epistemológico em *Pour Lire le Capital* (1965). Ele argumenta que a ciência marxista precisa romper com o imaginário ideológico para alcançar uma verdadeira compreensão das relações sociais. Esse corte epistemológico implica uma separação entre as estruturas ideológicas que permeiam o imaginário coletivo e a análise objetiva das condições materiais e das relações de produção. A partir dessa perspectiva, Althusser busca desmistificar o imaginário como um produto da ideologia, propondo uma abordagem científica que transcenda as representações ideológicas para revelar as verdadeiras dinâmicas do capitalismo.

Em suma, as convergências entre Bachelard, Maffesoli e Althusser sobre o imaginário destacam sua importância na construção da realidade social e na formação do pensamento humano. Enquanto Bachelard foca na mediação entre o sujeito e o mundo sensível através da imaginação criativa, Maffesoli enfatiza o papel do imaginário na formação de identidades coletivas e na resistência às estruturas modernas, e Althusser adota uma abordagem crítica, vendo o imaginário como um instrumento de perpetuação das relações de poder e dominação ideológica. A interação dessas perspectivas oferece uma compreensão multifacetada do imaginário, evidenciando sua complexidade e sua centralidade nas dinâmicas sociais e culturais contemporâneas.

Divergências entre Bachelard, Maffesoli e Althusser

Apesar das convergências, Bachelard, Maffesoli e Althusser apresentam divergências fundamentais em suas concepções sobre o papel do imaginário e suas implicações sociais e epistemológicas, refletindo distintas abordagens filosóficas e sociológicas que enriquecem o debate contemporâneo sobre a influência da imaginação na sociedade. A seguir, exploraremos mais

profundamente essas diferenças, analisando como cada autor concebe o imaginário e as consequências de suas visões para a compreensão das dinâmicas sociais e do desenvolvimento do conhecimento.

Para Bachelard e Maffesoli, o imaginário é uma força transformadora essencial para a inovação e a criação de novas realidades sociais. Bachelard, em *La Formation de l'Esprit Scientifique* (1938a), defende que a imaginação científica é importante para romper com os paradigmas científicos estabelecidos, permitindo a emergência de novos horizontes de pensamento. Ele argumenta que a imaginação não é meramente um complemento à razão, mas uma ferramenta ativa que possibilita a superação de limites cognitivos e a abertura para novas possibilidades de investigação. Um exemplo paradigmático dessa ruptura criativa é a revolução científica promovida por Albert Einstein, cuja teoria da relatividade desafiou os fundamentos da física newtoniana, demonstrando como a imaginação pode levar a avanços significativos no conhecimento científico.

Maffesoli, por sua vez, em *L'Ombre de Dionysos* (1985), expande a ideia de Bachelard ao aplicar o conceito de imaginário às esferas sociais e culturais. Para Maffesoli, o imaginário é na criação de novas formas de sociabilidade, especialmente em contextos de resistência às normas impostas pelo poder hegemônico. Ele introduz o conceito de tribos, referindo-se a grupos sociais que se organizam com base em laços afetivos e simbólicos, em oposição às estruturas racionalistas e individualistas das sociedades modernas. Essas tribos, compostas por comunidades alternativas de artistas, movimentos contraculturais e outras formas de organização social, utilizam o imaginário para criar espaços de autonomia e resistência, promovendo uma sociabilidade mais orgânica e menos mediada pelas instituições tradicionais. Em tempos de digitalização e conectividade, Van Dijck (2013) complementa essa visão, argumentando que as plataformas sociais criam espaços para interações simbólicas e sociais, fundamentados no imaginário coletivo.

Althusser, por outro lado, oferece uma perspectiva crítica e negativa sobre o imaginário. Em *Lenin et la philosophie* (1972), ele argumenta que o imaginário funciona como um instrumento de dominação ideológica nas sociedades capitalistas. Segundo Althusser, os aparelhos ideológicos do Estado utilizam o imaginário para moldar as percepções e comportamentos dos indivíduos, mascarando as relações de exploração e perpetuando as estruturas de poder existentes. Para ele, o imaginário não promove a emancipação ou a transformação social, mas serve para manter a ordem estabelecida, impedindo a conscientização das contradições sociais e econômicas. Embora o imaginário desempenhe um papel importante na formação de identidades coletivas, ele também pode ser uma ferramenta de dominação, como descrito por Althusser (2011). Coulry e Mejias (2020) aprofundam essa discussão ao apontarem como os dados e as práticas digitais estão sendo utilizados para colonizar a vida humana, subordinando-a às necessidades do capitalismo.

A natureza e a origem do imaginário também diferem significativamente entre esses autores. Enquanto Bachelard e Maffesoli veem o imaginário como espontâneo e autônomo, emergindo das interações sensíveis e criativas com o mundo, Althusser concebe o imaginário como algo condicionado pelas estruturas materiais de produção e reprodução social. Em *Le Temps des Tribus* (1988), Maffesoli enfatiza o caráter intrínseco do imaginário nas dinâmicas sociais, destacando como ele é para a formação de identidades coletivas e para a criação de novos espaços de sociabilidade. Em contraste, Althusser, em *Sur la reproduction* (2011), argumenta que o imaginário ideológico é instrumentalizado para perpetuar a dominação, funcionando como uma ferramenta dos aparelhos ideológicos para manter a hegemonia das classes dominantes.

No que tange à relação entre imaginário e ciência, Bachelard atribui um papel central à imaginação no avanço do conhecimento científico. Em *Le Nouvel Esprit Scientifique* (1934), ele argumenta que a ciência não avança apenas por meio da acumulação de dados empíricos, mas também pela capacidade de imaginar novas hipóteses e teorias que rompem com os paradigmas rígidos existentes. A imaginação científica, segundo Bachelard, é indispensável para a inovação e a superação das limitações do pensamento estabelecido. Althusser, apesar de reconhecer a importância da epistemologia bachelardiana, critica o uso do imaginário no campo da ideologia, considerando-o um desvio da verdadeira compreensão científica. Em Pour Lire le Capital (1965), ele sustenta que o imaginário ideológico desvia a atenção dos indivíduos das contradições essenciais do capitalismo, impedindo uma compreensão genuína das dinâmicas econômicas e sociais.

A dimensão de resistência versus repressão do imaginário também é um ponto de divergência importante entre os autores. Maffesoli vê o imaginário como uma força subversiva e resistente, capaz de criar microespaços de autonomia diante das normas dominantes. Em *La Contemplation du Monde* (1993), ele destaca que o imaginário possibilita a criação de novas formas de pertencimento e de relações sociais mais fluidas e menos hierarquizadas, contribuindo para a diversidade e a riqueza das interações humanas. Em contraste, Althusser considera o imaginário uma ferramenta de repressão, que impede a conscientização das massas e perpetua as estruturas de poder existentes. Para ele, o imaginário ideológico condiciona os indivíduos a aceitarem e reproduzirem as normas estabelecidas, dificultando a emergência de movimentos de resistência verdadeiramente transformadores.

A análise das teorias de Bachelard, Maffesoli e Althusser revela a complexidade e a multiplicidade do conceito de imaginário em diferentes campos do pensamento contemporâneo. Bachelard vê o imaginário como uma força criativa que transcende a realidade empírica, promovendo a inovação e a transformação do conhecimento científico. Maffesoli, por sua vez, enfatiza a dimensão social do imaginário, destacando seu papel na criação de novas formas de sociabilidade e na resistência

às normas hegemônicas. Já Althusser, no contexto do marxismo estruturalista, critica o imaginário como um instrumento de dominação ideológica, utilizado para legitimar e perpetuar as hierarquias sociais e econômicas.

Essas diferentes abordagens demonstram que o imaginário, longe de ser um conceito unívoco, possui uma plasticidade que lhe permite ser instrumentalizado tanto para a criação de novas formas de conhecimento e sociabilidade quanto para a manutenção de estruturas opressoras. A multiplicidade de perspectivas oferecida por Bachelard, Maffesoli e Althusser evidencia a relevância do imaginário para diversas áreas do conhecimento, incluindo a filosofia, a sociologia e a teoria crítica marxista. Cada autor, a partir de sua perspectiva teórica específica, contribui para uma compreensão mais ampla e aprofundada das implicações do imaginário nas dinâmicas sociais e epistemológicas.

Adicionalmente, conforme sugere Lyotard (1979), a condição pós-moderna exige uma reavaliação das formas de saber e dos modos de ser em sociedade, reforçando a relevância do imaginário na construção de novas realidades sociais. A pós-modernidade, caracterizada pela fragmentação, pela diversidade de narrativas e pela crítica às metanarrativas, encontra no imaginário um espaço de resistência e de criação de novas possibilidades de existência social. Nesse contexto, o imaginário se torna um campo de disputa simbólica onde diferentes visões de mundo competem e se reinventam, refletindo as complexidades e contradições da sociedade contemporânea. Pereira (2022) oferece uma análise sobre como esse cenário contribui para a emergência de novas formas de resistência e para a reconfiguração do imaginário nas sociedades contemporâneas.

A análise comparativa desses autores oferece uma visão abrangente das implicações do imaginário, destacando suas múltiplas dimensões e suas consequências sociais, epistemológicas e políticas. Ao integrar as contribuições de Bachelard, Maffesoli e Althusser, podemos entender o imaginário como um fenômeno multifacetado que desempenha um papel importante na formação das realidades humanas e na configuração das relações sociais. Essa abordagem integradora permite uma compreensão mais rica e matizada das formas como a imaginação influencia tanto a produção do conhecimento quanto as dinâmicas de poder e resistência na sociedade.

Por fim, essa comparação entre Bachelard, Maffesoli e Althusser fornece uma base sólida para estudos futuros que busquem explorar o papel do imaginário nas dinâmicas sociais e na construção das realidades humanas. Pesquisas subsequentes podem aprofundar a análise das interações entre o imaginário e outras esferas sociais, como a economia, a política e a cultura, bem como investigar as formas pelas quais o imaginário pode ser mobilizado para promover mudanças sociais positivas ou, inversamente, para perpetuar formas de dominação e desigualdade. Além disso, a integração das perspectivas desses autores com outras teorias contemporâneas pode enriquecer ainda mais a

compreensão do imaginário, ampliando seu alcance e sua aplicabilidade em diferentes contextos sociais e culturais.

Em suma, a discussão sobre as divergências e convergências entre Bachelard, Maffesoli e Althusser acerca do imaginário não apenas ilumina as complexidades desse conceito, mas também sublinha sua importância central para a análise crítica da sociedade contemporânea. Através dessas diferentes lentes teóricas, podemos captar melhor as nuances e os impactos do imaginário nas transformações sociais, na produção do conhecimento e nas estruturas de poder, proporcionando uma base robusta para a reflexão filosófica e sociológica sobre a natureza humana e a organização social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo ofereceu uma análise minuciosa das concepções de imaginário articuladas por Bachelard, Maffesoli e Althusser, abordando como cada autor entende e aplica o conceito em suas respectivas teorias. A partir de uma metodologia fenomenológica, foi possível aprofundar a compreensão do imaginário como um fenômeno que transcende as fronteiras entre o individual e o coletivo, o subjetivo e o objetivo, revelando sua centralidade nas dinâmicas sociais, epistêmicas e ideológicas contemporâneas.

Bachelard é reconhecido por seu enfoque fenomenológico, que integra a experiência poética como elemento na construção do conhecimento. Em suas obras, como *La Psychanalyse du Feu* (1938b) e *La Poétique de l'Espace* (1957), Bachelard propõe que o imaginário atua como uma força que permite ao indivíduo transcender as limitações da ciência empírica. Suas análises sobre os elementos naturais não apenas revelam a riqueza simbólica associada ao imaginário, mas também apresentam um método que explora a interação entre imaginação e realidade, permitindo ao sujeito uma compreensão ampliada e qualitativamente diferente do mundo. Ao romper com paradigmas positivistas, Bachelard legitima uma epistemologia que valoriza as experiências subjetivas e poéticas como formas legítimas de conhecer, demonstrando que o imaginário possui um papel estruturante na constituição do ser e do saber.

Maffesoli, ao desenvolver sua teoria do imaginário social, expande e aprofunda a visão fenomenológica de Bachelard, situando o imaginário como um elemento central para a compreensão da pós-modernidade. Para Maffesoli, o imaginário não é apenas uma esfera abstrata ou subjetiva, mas sim uma realidade que permeia e dá coesão às sociedades contemporâneas. Em obras como *Le Temps des Tribus* (1988) e *L'Instant éternel* (2000), ele explora como a fragmentação das grandes narrativas modernas deu lugar a uma multiplicidade de tribos e formas de sociabilidade, todas elas sustentadas por um imaginário compartilhado que se manifesta por meio de rituais, símbolos e valores comuns. Essa

tribalização, segundo o autor, é um retorno ao reencantamento do mundo, onde o simbólico, o afetivo e o místico, antes suprimidos pela racionalidade moderna, são resgatados e valorizados. Maffesoli propõe, então, que o imaginário não apenas cria novas formas de coesão social, mas também age como uma força insurgente e subversiva, capaz de resistir às imposições normativas e institucionais.

Althusser, em contraponto aos outros autores, adota uma perspectiva crítica e marxista, enxergando o imaginário como um componente essencial das estruturas ideológicas. Para ele, o imaginário é uma ferramenta instrumentalizada pelos aparelhos ideológicos de Estado para perpetuar e legitimar as relações de poder. Em *Idéologie et appareils idéologiques d'État* (1970), Althusser argumenta que a ideologia se manifesta através do imaginário ao naturalizar as relações de dominação e exploração, fazendo com que os sujeitos internalizem essas estruturas como naturais e inevitáveis. Embora comprometido com a análise estrutural e marxista, Althusser incorpora influências freudianas e bachelardianas ao discutir como o imaginário e a ideologia operam no nível inconsciente, afetando a percepção e as práticas dos indivíduos. Ele revela que o imaginário não é apenas um domínio de criação ou resistência, mas também um campo de manipulação psíquica que condiciona as experiências e percepções sociais, consolidando a manutenção do status quo.

Do ponto de vista prático, a compreensão do imaginário como força criativa ou como instrumento de controle tem implicações diretas para a formulação de políticas educacionais e culturais. Por exemplo, a abordagem de Bachelard pode inspirar modelos pedagógicos que valorizem a imaginação como parte do processo de aprendizagem, enquanto a visão de Althusser sugere que é necessário revisar criticamente como as instituições educacionais reproduzem ideologias que podem restringir o pensamento crítico. Da mesma forma, as teorias de Maffesoli sobre o imaginário coletivo podem ser aplicadas ao desenvolvimento de políticas culturais que incentivem o reencantamento do mundo por meio de práticas simbólicas e artísticas, promovendo maior coesão social em tempos de fragmentação.

No contexto contemporâneo, marcado pelo avanço das tecnologias digitais e pela crescente polarização social e política, o estudo do imaginário torna-se ainda mais urgente. As redes sociais, por exemplo, tornaram-se espaços onde novos imaginários coletivos são criados e disputados, moldando identidades e influenciando decisões políticas. Compreender como esses imaginários digitais funcionam e interagem com as ideologias dominantes pode oferecer insights valiosos para a formulação de estratégias que promovam maior inclusão e coesão social em tempos de fragmentação global.

Futuras pesquisas podem explorar como o imaginário opera em diferentes esferas da vida social, desde práticas pedagógicas que buscam integrar a imaginação criativa no currículo escolar, até investigações nas ciências políticas sobre como o imaginário ideológico molda os discursos públicos e

as campanhas eleitorais. Estudos comparativos entre sociedades com diferentes estruturas ideológicas e culturais também poderiam revelar como o imaginário é instrumentalizado de maneiras variadas para sustentar ou desafiar o status quo. Uma abordagem interdisciplinar envolvendo psicologia e antropologia permitiria um entendimento mais profundo das forças simbólicas que moldam a subjetividade e as identidades coletivas, contribuindo para a criação de políticas sociais e culturais mais inclusivas.

Além disso, sugere-se uma investigação interdisciplinar que explore as interfaces entre o imaginário e outras áreas do conhecimento, como a psicologia, a antropologia e a ciência política, para desenvolver um entendimento mais complexo e aplicado das suas funções e impactos. O estudo indica que, ao se investigar o imaginário, deve-se considerar sua capacidade de integrar os níveis subjetivo e coletivo, de transcender dicotomias entre real e simbólico, e de operar tanto como um elemento de controle quanto de transformação. Tal abordagem pode ampliar o escopo analítico e fornecer subsídios teóricos e empíricos para a formulação de políticas culturais e sociais mais eficazes e inclusivas.

Ao comparar essas perspectivas, este estudo demonstra que o imaginário é um conceito multifacetado e polivalente, que pode ser utilizado para diferentes fins conforme o contexto teórico e social. Bachelard e Maffesoli apresentam o imaginário como uma força emancipatória e criativa, enquanto Althusser o vê como um instrumento de controle e dominação. Essa multiplicidade de interpretações revela que o imaginário, longe de ser uma abstração, é uma realidade concreta que permeia e influencia as relações sociais, as práticas culturais e as estruturas ideológicas. Portanto, o imaginário pode atuar tanto na emancipação e na transformação social quanto na reprodução das hierarquias e desigualdades.

Em suma, este estudo confirma a centralidade do imaginário nas dinâmicas sociais e ideológicas, mas também aponta para a necessidade de novas abordagens que considerem seu papel em um mundo cada vez mais mediado por tecnologias e transformações culturais. O imaginário não é apenas uma construção teórica; é uma ferramenta de ação, seja para a criação ou para o controle. Compreender sua multiplicidade e poder é essencial para enfrentar os desafios sociais do presente e do futuro.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. F. “Bachelard and Historical Epistemology: A New Perspective for the History of Science in the Twentieth Century”. *In*: CONDÉ, M. L. (ed.). **Handbook for the Historiography of Science**. London: Springer, 2023.

ALTHUSSER, L. “Idéologie et appareils idéologiques d'État”. **La Penseé**, n. 151, 1970.

ALTHUSSER, L. **Lenin et la philosophie et autres essais**. Paris: Maspero, 1972.

ALTHUSSER, L. **On the Reproduction of Capitalism**: Ideology and Ideological State Apparatuses. London: Verso, 2014.

ALTHUSSER, L. **Pour Lire Le Capital**. Paris: Presses Universitaires de France, 1965.

ALTHUSSER, L. **Sur la reproduction**. Paris: Presses Universitaires de France, 2011.

ALVES, F. L. *et al*. "A educação na era da Internet: entrevista com Maffesoli". **Revista Educação Temática Digital**, vol. 24, n. 1, 2022.

BACHELARD, G. **La Formation de l'Esprit Scientifique**. Paris: Vrin, 1938a.

BACHELARD, G. **La Poétique de l'Espace**. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.

BACHELARD, G. **La Psychanalyse du Feu**. Paris: Gallimard, 1938b.

BACHELARD, G. **Le Nouvel Esprit Scientifique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1934.

BACHELARD, G. **L'eau et les rêves**: Essai sur l'imagination de la matière. Paris: José Corti, 1942.

BACHELARD, G. **L'Intuition de l'Instant**. Paris: Stock, 1932.

BACKER, D. I. **Althusser and Education**: Reassessing Critical Education. London: Bloomsbury Academic, 2024.

BARROS, E. P. "Maffesoli: a pós-modernidade se orienta para algo de anarquista". **Em Questão – Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**, vol. 19, n. 2, 2013.

BATISTA, O. A. "Questões para uma sociologia do imaginário". **Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, vol. 6, n. 1, 2021.

BATISTONI, M. "Aproximações à tradição marxista no projeto da Escola de Serviço Social de Belo Horizonte: problematizações necessárias". *In*: IAMAMOTO, M. V.; SANTOS, C. M. A **História pelo avesso**: a reconceituação do Serviço Social na América Latina e interlocuções internacionais. São Paulo: Editora Cortez, 2021.

BEER, D. "The Data Imaginary: Fictions and Algorithms in the Formation of Social Worlds". **Big Data e Society**, vol. 8, n. 1, 2021.

BÔAS FILHO, O. V. B. "Reflexões sobre o Estado: as tensões e as afinidades entre os pensamentos de Althusser e de Pierre Bourdieu". **Revista da Faculdade de Direito**, vol. 117, 2023.

BUCHER, T.; HELMOND, A. "The Affordances of Social Media Platforms". **Journal of Computer-Mediated Communication**, vol. 24, n. 1, 2018.

BULCÃO, M. "Por que estudar Bachelard?". **Horizontes**, vol. 39, n. 1, 2021.

BUTLER, J. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge, 1990.

CASSIN, M. “Althusser: Aparelhos Ideológicos de Estado e a escola”. **Marxismo 21** [2023]. Disponível em: <www.marxismo21.org>. Acesso em: 12/11/2024.

CERTEAU, M. “A história, ciência e ficção”. *In*: CERTEAU, M. **História e psicanálise**: entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

COMAROFF, J.; COMAROFF, J. L. “Millennial Capitalism: First Thoughts on a Second Coming”. **Public Culture**, vol. 12, n. 2, 2000.

CORDEIRO M. G. “Como morreu Althusser? Ensaio sobre marxismo e serviço social”. **Revista Katálysis**, vol. 27, n. 1, 2024.

COULDRY, N.; MEJIAS, U. A. **The Costs of Connection**: How Data is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism. Cambridge: Polity Press, 2020.

DASTON, L.; GALISON, P. **Objectivity**. New York: Zone Books, 2007.

DURAND, G. **Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire**. Paris: Dunod, 1960.

EAGLETON, T. **Ideology**: An Introduction. London: Verso, 1991.

FISHER, M. **Capitalist Realism**: Is There No Alternative? London: Zero Books, 2009.

FOFANO, D. K.; RECH, H. L. “Ideologia e educação na perspectiva de Althusser”. **Educação em Revista**, vol. 37, 2021.

GOMES, J. E. *et al*. “Uma análise crítica da reforma do ensino médio à luz da epistemologia de Bachelard”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 19, n. 56, 2024.

HALL, S. “Cultural Identity and Diaspora”. *In*: RUTHERFORD, J. (ed.). **Identity**: Community, Culture, Difference. London: Lawrence e Wishart, 1990a.

HALL, S. **Representation**: Cultural Representations and Signifying Practices. London: Sage, 1997.

HARAWAY, D. A “Cyborg Manifesto: Science, Technology, and Socialist-Feminism in the Late 20th Century”. *In*: HARAWAY, D. **Simians, Cyborgs, and Women**: The Reinvention of Nature. New York: Routledge, 1991.

HUSSERL, E. **Cartesian Meditations**: An Introduction to Phenomenology. The Hague: Martinus Nijhoff, 1960.

HUSSERL, E. **Logical Investigations**. New York: Routledge, 1970a.

HUSSERL, E. **Phenomenological Psychology**: Lectures, Summer Semester 1925. The Hague: Martinus Nijhoff, 1977.

HUSSERL, E. **Phenomenology and the Foundations of the Sciences**. The Hague: Martinus Nijhoff, 1980.

HUSSERL, E. **The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology**. Evanston: Northwestern University Press, 1970b.

JASANOFF, S.; KIM, S. H. “Containing the Atom: Sociotechnical Imaginaries and Nuclear Power in the United States and South Korea”. **Minerva**, vol. 47, n. 2, 2009.

JASANOFF, S.; KIM, S. H. **Dreamscapes of Modernity**: Sociotechnical Imaginaries and the Fabrication of Power. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

LATOUR, B. “Why Has Critique Run Out of Steam? From Matters of Fact to Matters of Concern”. **Critical Inquiry**, vol. 30, n. 2, 2004.

LYOTARD, J. F. **La Condition Postmoderne**: Rapport sur le savoir. Paris: Minuit, 1979.

MAFFESOLI, M. **L’Ombre de Dionysos**: Contribution à une sociologie de l’orgie. Paris: CNRS Éditions, 1985.

MAFFESOLI, M. **La Contemplation du Monde**: Figures du style communautaire. Paris: Grasset, 1993.

MAFFESOLI, M. **La Part du Diable**: Précis de subversion postmoderne. Paris: Flammarion, 2002.

MAFFESOLI, M. **Le Temps des Tribus**: Le Déclin de l'individualisme dans les Sociétés de Masse. Paris: Méridiens Klincksieck, 1988.

MAFFESOLI, M. **L'Instant éternel**: Le retour du tragique dans les sociétés postmodernes. Paris: Denoël, 2000.

MAFFESOLI, M.; PORTO, C. L. “A era das sublevações populares chegou”. **Fênix**, vol. 17, n. 2, 2020.

MARTINS, A. L. L.; CORRÊA, M. B.; FERREIRA, L. S. “Educação como reprodução: antecipações de Álvaro Vieira Pinto a Althusser”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 17, n. 50, 2024.

MOREIRA, A. B. “Contribuições da racionalidade sensível de Maffesoli aos fundamentos das práticas territoriais e comunitárias na interface saúde/assistência social”. **Saúde e Sociedade**, vol. 31, n. 2, 2022.

MOTTA, L. E. **A favor de Althusser**: revolução e ruptura na teoria marxista. São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.

MOTTA, L. E. SERRA, C. H. A. “A ideologia em Althusser e Laclau: diálogos (im)pertinentes”. **Revista de Sociologia e Política**, vol. 22, n. 50, 2024.

PALLOTTA, J. “Le moment 1970 sur la reproduction: Althusser et Bourdieu”. **Actuel Marx**, vol. 70, n. 2, 2021.

PIETERSE, J. N. **Globalization and Culture**: Global Mélange. Lanham: Rowman and Littlefield, 2009.

PIMENTA, A. M. “Contribuições de Althusser e Foucault para os estudos sobre militarização de escolas públicas no Brasil”. **Revista Trabalho Necessário**, vol. 21, n. 44, 2023.

POPPER, K. R. **Conjectures and Refutations**: The Growth of Scientific Knowledge. London: Routledge, 1963.

POPPER, K. R. **The Logic of Scientific Discovery**. New York: Routledge, 1959.

SCHROEDER T. M. R.; ABREU C. B. M.; ALVES F. L. “Maffesoli e as definições do contemporâneo”. **Sociologias**, vol. 22, n. 60, 2022.

SILVA V. C. P.; CARRETO C. F. C. “O espaço é a flor azul do imaginário: Bachelard e Walter Benjamin em Paris – a descoberta de uma paisagem literária”. **Confins**, n. 46, 2020.

SILVA, L. B. O. “A pedagogia do imaginário em Bachelard”. **Reflexão**, vol. 23, n. 171 2024.

SILVA, L. *et al*. “Serviço Social na América Latina: história, projetos e direção ético-política”. **Temporalis**, vol. 22, n. 44, 2022.

SILVA, S. S. “Fundamentos éticos e projetos profissionais do Serviço Social brasileiro e italiano”. **Serviço Social e Sociedade**, n. 138, 2020.

SOBRINHO, J. D. “Sobre o conceito de ideologia em Althusser”. **Reflexão**, vol. 50, n. 1, 2024.

VAN DIJCK, J. **The Culture of Connectivity**: A Critical History of Social Media. Oxford: Oxford University Press, 2013.

ZUBOFF, S. **The Age of Surveillance Capitalism**: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power. New York: PublicAffairs, 2019.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VI | Volume 20 | Nº 58 | Boa Vista |2024

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima